

## **Investigação Em Medicina E Saúde No Horário Nobre: Análise De Dois Programas Televisivos Brasileiros**

### **Em Investigação Medicine And No Horário Saúde Nobre: Análise Dois Television Programs Brasileiros**

**Catarina Chagas**

**Universidade do Estado do Rio**

**catarinachagas@gmail.com**

**Luisa Massarani**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

**: lumassa@fiocruz.br e**

**Marina Ramalho**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

**marina.ramalho@gmail.com**

**Gabriela Reznik 1**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

**gabriela\_reznik@hotmail.com**

#### **Resumo**

A mídia tem um papel de destaque na formação da percepção pública sobre ciência e tecnologia e, em particular, sobre pesquisa em medicina e saúde. Porém, apesar de bem recebidas pelo público, as matérias sobre esses temas têm sido alvo de críticas pelos estudiosos da comunicação e do jornalismo científico mais especificamente. Neste trabalho, analisamos a cobertura sobre pesquisa em medicina e saúde feita por dois programas televisivos brasileiros de grande audiência, Jornal Nacional e Fantástico, a partir do material coletado no período de um ano entre abril de 2009 e março de 2010. A metodologia aplicada foi análise de conteúdo, utilizando um protocolo desenvolvido pela Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico. Apesar da participação significativa dos temas de medicina e saúde entre as reportagens sobre ciência e tecnologia, a abordagem de tais assuntos deixa de lado aspectos fundamentais da ciência, como as incertezas e controvérsias, e não dedica espaço a certos temas relevantes para a comunidade científica nacional. Por outro lado, utiliza estratégias consagradas de identificação com o público espectador e coloca a pesquisa em saúde em lugar privilegiado no horário nobre nacional.

**Palavras-chave:** Jornalismo científico, televisão, horário nobre, medicina e saúde, Brasil

### Abstract

Media plays an important role in shaping the public perception of science and technology and, particularly, of medical and health research. However, although well received by the public, stories on these topics have been criticized by communication and science journalism scholars. In this paper we analyze medicine and health research coverage in two Brazilian television programs with large audiences, *Jornal Nacional* and *Fantástico*, using materials collected in a one-year period – between April 2009 and March 2010. We used content analysis methods, based on a protocol developed by the Ibero-American Network on Monitoring and Training on Science Journalism. Despite the significant presence of medical and health topics in the science and technology stories, the approach puts aside fundamental aspects of science, such as uncertainties and controversies, and does not devote much space to some topics relevant to the national scientific community. On the other hand, stories use strategies to promote identification with the viewing public and put health research in a privileged place in nationwide prime time.

**Keywords:** Science journalism, television, prime time, medicine and health, Brazil

### 1. Introdução

Por sua ampla penetração na sociedade, a mídia não apenas influencia a percepção do público sobre a ciência, mas também contribui para a discussão, em várias camadas da população, acerca das consequências do saber científico e tecnológico (Hijmans, Pleijter & Wester, 2003) e ajuda a moldar o debate político sobre os temas de ciência (Bubela *et. al.*, 2009; Nisbet & Lewenstein, 2002). Em vários locais do mundo, a televisão é a fonte mais usada pelos cidadãos para obter informações sobre ciência e tecnologia (Massarani *et. al.*, 2008).

Esta tendência foi confirmada, por exemplo, em pesquisa sobre percepção pública da ciência, da tecnologia e da biotecnologia realizada na cidade de Mérida, na Venezuela (Ferrer & León, 2008) e em pesquisa sobre a percepção dos brasileiros sobre ciência e tecnologia (Ministério da Ciência e Tecnologia & Museu da Vida, 2010). Nesta última, 30% dos entrevistados afirmaram ainda ter muito interesse em ciência e tecnologia. Em relação a medicina e saúde, o índice cresce para 42%. Além disso, dentro dos temas de ciência e tecnologia apontados como mais relevantes pelas pessoas interessadas, ciências da saúde ocupam o primeiro lugar, com 30,3% das respostas.

No tocante aos temas de saúde, particularmente relevantes ao cidadão comum – que consegue relacioná-los ao seu cotidiano (León, 2008) –, os veículos de comunicação representam uma das principais fontes de informação para a sociedade, aproximando de sua audiência o discurso científico, de modo a torná-lo mais acessível e interessante

(Oliveira *et. al*, 2009). A saúde é um tema que afeta a todos e as notícias sobre este tema podem aparecer de maneiras muito variadas em diferentes seções do noticiário – se um artista famoso está doente, por exemplo, a saúde pode aparecer na parte de entretenimento, e assim por diante.

Não por acaso, então, medicina e saúde estão entre os temas predominantes na área de ciência dos veículos de comunicação (Bomlitz & Brezis, 2008; León, 2008; Verhoeven, 2008; Massarani & Buys, 2007; Bucchi & Mazzolini, 2003; Göpfert, 1996). O jornalismo pode ser considerado, portanto, um instrumento fundamental para que cidadãos leigos tenham acesso a informações sobre saúde (Kucinski, 2000), atuando como ferramenta de divulgação de dados sobre a epidemiologia de doenças, além de estratégias de prevenção e tratamento.

As matérias jornalísticas sobre esses temas têm influência sobre a percepção do público – e também dos médicos, que se informam pelos mesmos noticiários (Barello, 2005) –, especialmente em relação a temáticas controversas, como a pesquisa com células-tronco (Nisbet, Brossard & Kroepsch, 2003), e no tocante a novas doenças e epidemias, caso em que a cobertura midiática pode acalmar a população ou, ao contrário, fomentar o pânico (Medeiros & Massarani, 2011).

Cerca de metade (52,1%) dos participantes da pesquisa sobre percepção pública da ciência e tecnologia no Brasil afirmaram estar satisfeitos com a divulgação científica feita pelos programas de televisão – a porcentagem cai para 46,3% nos jornais impressos (Ministério da Ciência e Tecnologia & Museu da Vida, 2010). Porém, entre os estudiosos da área, a cobertura de medicina e saúde por veículos jornalísticos tem sido criticada.

Barello e colaboradores (2003), em pesquisa realizada na Argentina sobre a percepção do grande público acerca da cobertura midiática em ciência e saúde, concluíram que a baixa confiabilidade da televisão é notável, e que a esse meio é atribuída uma imagem mais sensacionalista da ciência – embora seja também o meio mais compreensível, pelas possibilidades de abordagem geradas pela combinação entre som e imagem.

Vários outros estudos criticam a cobertura de ciência e tecnologia na mídia de uma maneira geral, especialmente nos termos de sua credibilidade e precisão (Iaboli *et. al*, 2010; Wilson, 2009; Bucchi & Mazzolini, 2003). Barello (2005) afirma que o acúmulo de informações nessas notícias não é garantia de qualidade ou veracidade. Também se critica os meios de comunicação por não traçarem um retrato equilibrado da ciência, enfatizando os benefícios da pesquisa em detrimento dos riscos e danos envolvidos, e deixando em segundo plano – ou omitindo completamente – os conflitos de interesses que podem influenciar cada estudo ou desenvolvimento tecnológico (Iaboli *et. al*, 2010).

Por outro lado, a mídia também é acusada de, por vezes, exagerar a importância de fatores não científicos (por exemplo, políticos) envolvidos no tópico em questão, gerando uma imagem negativa da ciência (Bucchi & Mazzolini, 2003).

Entre os estudos que avaliam a cobertura de ciência – em particular, medicina e saúde – na mídia, podemos destacar o de León (2008), sobre o horário nobre da televisão europeia. Embora seja de interesse do público, afirma o trabalho, a ciência ainda é um tópico marginal e as matérias sobre ela são de baixa qualidade. Não incluem, por exemplo, muitas explicações de conceitos científicos, que podem ser incompreensíveis para o grande público.

Para Wilson (2009), que avaliou a cobertura de medicina e saúde na mídia australiana, os programas de televisão são aqueles que apresentam a abordagem menos satisfatória. Na Alemanha, porém, segundo Verhoeven (2008), as matérias televisivas sobre saúde incluem mais variedade de vozes e utilização mais frequente de estratégias de personificação que visam à identificação com o público.

Na mídia impressa de língua inglesa, Lai e Lane (2009) verificaram que uma parte expressiva das matérias apresenta resultados preliminares de pesquisa sem esclarecer o caráter pouco conclusivo dos dados a seus leitores. Além disso, Balasegaram e colaboradores (2008) verificaram que a seleção de pautas dos veículos prioriza temas como HIV e Aids, deixando pouco espaço para falar sobre doenças negligenciadas.

No Brasil, em estudo sobre o *Fantástico*, que também é tema deste trabalho, Rubbo (2007) aponta que a cobertura midiática apresenta o discurso científico como verdadeiro e usa a ciência para explicar fenômenos e aconselhar os espectadores. A mídia brasileira também é caracterizada pela superficialidade e pouca precisão na cobertura de temas de saúde, segundo o estudo de Oliveira e colaboradores (2009).

Uma falha decisiva da mídia, destacam Soares e Caponi (2011), é ignorar ressalvas apresentadas pelos próprios cientistas às suas pesquisas. Os autores também apontam que a mídia tende a generalizar resultados e apresentar associações estatísticas como certezas absolutas.

Nesse contexto, propomos aqui uma análise da cobertura de pesquisa em saúde e medicina pelo *Fantástico* e pelo *Jornal Nacional*, programas veiculados pela maior emissora de televisão do Brasil.

## 2. Metodologia

Durante pesquisa realizada no Núcleo de Estudos da Divulgação Científica / Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz, no âmbito da Rede Ibero- Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico<sup>2</sup> avaliamos a cobertura jornalística de temas de ciência e tecnologia em diversos programas televisivos. Ao longo da análise, constatamos que tópicos de medicina e saúde

têm particular relevância, o que nos motivou a traçar um estudo mais específico sobre essa temática. Para tanto, selecionamos dois programas veiculados em todo o território brasileiro, a saber, *Fantástico* e *Jornal Nacional* – dois programas transmitidos pela Rede Globo, maior emissora televisiva do país.

Exibido semanalmente aos domingos às 20h45, *Fantástico* é um programa do tipo revista eletrônica, criado em 1973 com o propósito de unir jornalismo e entretenimento (Memória Globo, s/d). É um dos líderes de audiência de horário nobre (Padiglione, 2011), assistido por cerca de um milhão de pessoas apenas na Grande São Paulo, e aborda temas científicos e/ou médicos de maneira regular (Siqueira, 1999).

O *Jornal Nacional* é, por sua vez, o telejornal de maior audiência no Brasil – em maio de 2011, o programa teve média de audiência de 57% (Rede Globo, 2011). Veiculado diariamente de segunda a sábado em horário nobre, o informativo também destaca entre os temas abordados aqueles relacionados a medicina e saúde (Ramalho, Polino & Massarani, 2012).

O *corpus* da pesquisa foi composto por programas veiculados ao longo de um período de 12 meses, entre abril de 2009 e março de 2010. Para a análise do *Fantástico*, incluímos 51 programas exibidos no período<sup>3</sup>. Já para a amostra do *Jornal Nacional*, utilizamos a metodologia da semana construída (Krippendorff, 1990; Stempel & Westley, 1989), selecionando 72 programas para representar o período.

Em cada programa, selecionamos as matérias de ciência com base na metodologia proposta por Rondelli (2004) e consolidada pelos integrantes da Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico. Para ser incluída na análise, a unidade noticiosa precisou atender pelo menos um dos seguintes critérios: a) menção de cientistas, pesquisadores, professores universitários ou especialistas vinculados a uma instituição científica para comentar um tema de ciência; b) menção a instituições de pesquisa e/ou universidades; c) menção de dados científicos ou resultados de pesquisas; d) abordagem de políticas científicas; e) realização de divulgação científica.

Em seguida, selecionamos, das reportagens qualificadas para compor a amostra, as matérias sobre medicina e saúde. Note-se que tais critérios fizeram-nos excluir da análise matérias sobre saúde que não privilegiaram temas científicos – por exemplo, reportagens sobre o estado atual dos hospitais públicos no país. Nesta pesquisa nos centramos, pois, nos aspectos científicos da medicina e da saúde.

As matérias selecionadas foram submetidas a uma análise de conteúdo conforme protocolo desenvolvido em conjunto pelos integrantes da Rede. Neste artigo, utilizamos uma abordagem quantitativa e destacamos, entre os resultados obtidos: a participação dos temas de medicina e saúde em relação aos demais temas de ciência e tecnologia abordados; a duração das reportagens; a posição em que as matérias sobre medicina e saúde aparecem (em que bloco do programa estão inseridas); o destaque dado a esses

temas em chamadas de abertura dos programas; temas específicos abordados; a utilização de recursos visuais; a maneira como foram retratados os cientistas e especialistas; a interatividade com os telespectadores; a abordagem de controvérsias, benefícios, promessas, danos e riscos relacionados à ciência; a presença de recomendações ao público; a contextualização das informações apresentadas; e as fontes e vozes escolhidas para compor as reportagens.

Os textos foram, ainda, analisados no que se refere ao enquadramento (*frame*, em sua concepção original em inglês), um dos conceitos importantes para estudar como as mensagens jornalísticas trazem significado. Os enquadramentos aplicados à mídia representam o enfoque principal dado às mensagens apresentadas (Gamson & Modigliani, 1989). Em outras palavras, os enquadramentos se referem aos principais enfoques (ou ângulos de abordagem) utilizados pelos jornalistas para apresentar questões complexas acessíveis para suas audiências (Gans, 1979). Para Robert Entman (1993), com o enquadramento, selecionam-se alguns aspectos da realidade percebida, destacando-os em um texto comunicacional de uma forma que afeta a interpretação pública daquele tópico e questões relacionadas. O enquadramento na mídia seria a ideia central, que organiza a mensagem e dá às audiências uma orientação em termos de relevância, importância, valores da notícia e contexto.

A definição dos enquadramentos utilizados também seguiu o protocolo desenvolvido pela Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico, mas teve como ponto de partida o modelo proposto por Nisbet, Brossard e Kroepsch (2003). Cada matéria pôde ser classificada em pelo menos um ou até três enquadramentos da lista a seguir: a) Nova pesquisa: foco em novas pesquisas divulgadas, anúncio de novas descobertas ou aplicação de novos conhecimentos científicos, novos remédios ou tratamentos, novos desenvolvimentos experimentais ou procedimentos técnicos; b) Novos desenvolvimentos tecnológicos: foco em novas tecnologias, tanto aquelas estreitamente ligadas à sua utilização no campo da pesquisa científica em si, quanto em diferentes mercados (ex.: novos dispositivos para celulares, um novo tipo de combustível etc.); c) Antecedentes científicos: refere-se aos antecedentes científicos gerais da questão (por exemplo, a descrição de pesquisas anteriores, recapitulação dos resultados e conclusões já conhecidas); d) Impacto em C&T: apresenta situações em que os resultados da ciência ou de pesquisas têm impacto direto sobre a sociedade (positivo ou negativo), como acidentes em usinas nucleares, falta de energia, biossegurança, melhorias nas condições de vida e de recuperação ambiental e riscos nas aplicações da C&T.; e) Ética/Moral: foco na ética ou moralidade da pesquisa, como anúncio de um relatório especial sobre ética, destaque para perspectivas religiosas ou de valores, ênfase em bioética, discussão sobre impedir o progresso científico, debate sobre a natureza da vida humana; f) Estratégia política, políticas públicas e regulamentação: foco nas estratégias, ações ou deliberações políticas de personalidades políticas, nas administrações presidenciais, de membros do Congresso, de outros órgãos do governo federal ou estadual, agências do governo, e pressão de grupos de interesse; g) Mercado, promessa econômica, patentes, direitos de

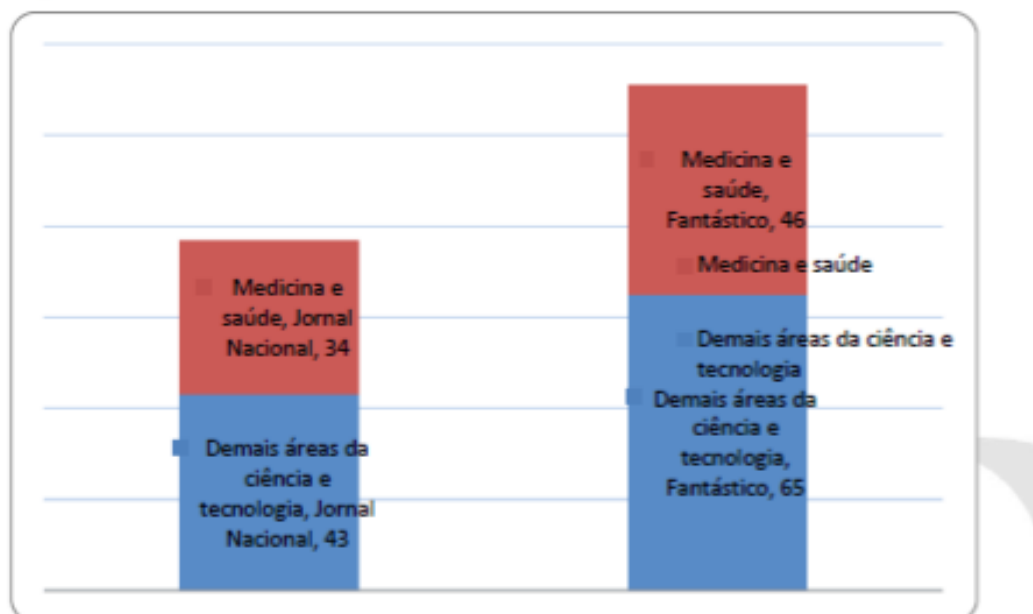
propriedade: foco nos preços de ações, no crescimento em uma determinada indústria ou empresa que tenha a ver com a investigação científica ou seu produto, na reação dos investidores, no desenvolvimento de produtos para o mercado, nas implicações para a economia nacional, na competitividade global; h) Controvérsias científicas: refere-se às controvérsias científicas relacionadas à ciência e tecnologia. Dão destaque a divergências entre cientistas, que podem ser indicadas por vezes que se opõem, ou por menção a opções diferenciadas; i) Incertezas científicas: refere-se às incertezas científicas sobre questões de ciência e tecnologia. Dão destaque a uma situação em que não há consenso entre os cientistas, devendo ser citada ou mencionada no texto; j) Personalização: trata-se de quando a matéria destaca algum personagem que faça parte da questão científica abordada pela matéria. Exemplo: foco em pacientes que estão recebendo algum tipo de tratamento ou em sua família ou amigos. O enquadramento aqui é a narrativa pessoal, o depoimento, o testemunho ou a experiência; k) Cultural: matérias voltadas para a dimensão cultural da ciência: sua parte estética, linguística, artística ou histórica. Também inclui notícias que destacam a diversidade cultural, tradições, costumes entre etnias, países ou povos; l) Nenhum dos enquadramentos anteriores.

A seguir, apresentamos os principais resultados obtidos nesta etapa da pesquisa.

### 3. Resultados

Identificamos no *Jornal Nacional* 77 matérias sobre ciência e tecnologia, das quais 44,1% (34 matérias) abordavam temas de medicina e saúde. Já o *Fantástico* veiculou, no período estudado, 111 matérias sobre ciência e tecnologia, das quais 41,4% (46 matérias) sobre medicina e saúde, conforme mostra a figura 1. Embora a porcentagem de matérias sobre medicina e saúde no *Fantástico* represente uma parcela ligeiramente menor das reportagens sobre ciência e tecnologia veiculadas pelo programa,

**Figura 1. Notícias de medicina e saúde versus notícias das demais áreas de C&T**



é importante notar que o número de matérias (46) é maior do que aquele observado no *Jornal Nacional* (34), ainda que o número de edições analisadas do *Jornal Nacional* tenha sido superior ao número de programas *Fantástico* incluídos na análise.



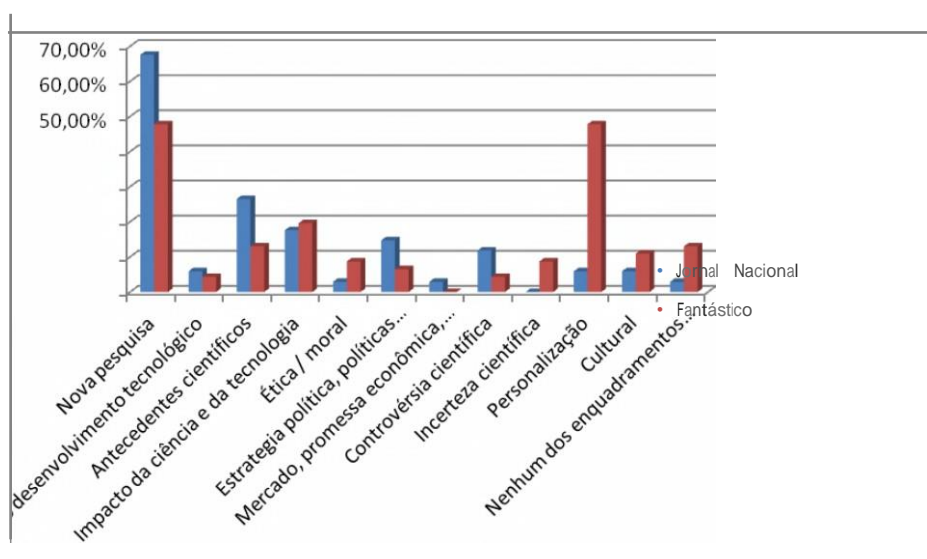
Legenda: Participação das matérias sobre medicina e saúde no total das reportagens sobre ciência e tecnologia (números absolutos).

As matérias do *Jornal Nacional* sobre medicina e saúde duraram, em média, 2 minutos e 20 segundos, enquanto as matérias do *Fantástico* tiveram duração média de 6 minutos e 52 segundos. Quanto a isto, vale observar que o *Jornal Nacional* tem duração menor que a do *Fantástico* e, assim, todas as matérias do telejornal tendem a ser mais curtas – ou seja, este padrão não se aplica apenas às reportagens sobre pesquisa em medicina e saúde.

Apenas 17,4% das matérias sobre medicina e saúde veiculadas no *Fantástico* apareceram no primeiro bloco do programa, enquanto 82,6% das matérias apareceram nos blocos intermediários. Já no *Jornal Nacional*, 55,9% das matérias sobre medicina estiveram presentes no primeiro bloco; 35,3%, nos blocos intermediários; e 8,8%, no último bloco. Os resultados também apontam que 47,0% das matérias de medicina e saúde veiculadas pelo *Jornal Nacional* tiveram chamadas na abertura do telejornal, em contraste com os 67,4% das reportagens sobre o tema veiculadas no *Fantástico* que apareceram na abertura do programa.

Entre os temas específicos abordados pelos dois programas, destacamos: câncer, presente em quatro matérias (8,7%) do *Fantástico* e 12 matérias (35,3%) do *Jornal Nacional*; gripe A/H1N1, presente em quatro matérias (8,7%) do *Fantástico* e três matérias (8,8%) do *Jornal Nacional*; e alimentação, presente em três matérias (6,5%) do *Fantástico* e cinco matérias (14,7%) do *Jornal Nacional*.

Figura 2. Enquadramentos (frames)



Legenda: Enquadramentos utilizados nas reportagens sobre pesquisa em medicina e saúde (porcentagem).

Quanto aos enquadramentos utilizados pelos dois programas, pudemos observar algumas diferenças (veja a figura 2). Por exemplo, as matérias com *frame* “nova pesquisa” predominaram no *Jornal Nacional* (67,6% das reportagens). Por sua vez, prevaleceram no *Fantástico* os enquadramentos “nova pesquisa” e “personalização”, ambos com a mesma proporção de matérias (47,8%).

Os enquadramentos “cultural”, “incerteza científica”, “ética/moral” e “impacto da ciência e da tecnologia” também representam uma porcentagem maior nas matérias do *Fantástico*. Por outro lado, os *frames* “novo desenvolvimento tecnológico”, “antecedentes científicos”, “estratégia política, políticas públicas, regulação”, “mercado, promessa econômica, patentes, direitos de propriedade” e “controvérsia científica” estiveram mais presentes no *Jornal Nacional*.

Uma pequena parcela da amostra (2,9% das matérias do *Jornal Nacional* e 13,0% das matérias do *Fantástico*) não pôde ser classificada em nenhum dos *frames* utilizados na pesquisa.

De uma maneira geral, o *Fantástico* utilizou mais recursos visuais em suas matérias sobre medicina e saúde se comparado ao *Jornal Nacional*. Por exemplo, o programa dominical incluiu animação em 76,1% das reportagens, enquanto o telejornal inseriu o mesmo recurso em 35,3% das matérias. Tabelas de dados, infográficos, diagramas e esquemas estiveram presentes em 69,6% das reportagens do *Fantástico* e 47,0% das matérias do *Jornal Nacional*. Por fim, a utilização de imagens de cientistas teve uma participação equilibrada nos dois programas: 71,7% das matérias do *Fantástico* e 64,7% das matérias do *Jornal Nacional*.

Quando a matéria apresentou imagens de cientistas, observamos também a localização onde eles foram filmados<sup>4</sup>. No *Jornal Nacional*, 64,7% das reportagens (22 matérias) apresentavam imagens de cientistas. A locação mais relevante foi “escritório” (utilizada 13 vezes), seguida de “laboratório” (sete inserções). Outras locações utilizadas pelo telejornal foram “estúdio” (três), “hospitais” (duas) e “entrevista coletiva” (uma).

Já no *Fantástico*, 71,7% das reportagens (33 matérias) apresentavam imagens de cientistas. A localização “escritório” foi utilizada 16 vezes, seguida de “laboratório” (14 inserções), “hospital” (nove inserções) e “consultório médico” (seis inserções). Outras localizações também apareceram, porém com pouca relevância: “bares/restaurantes” (duas), “escola” (duas), “casa” (uma) e “academia” (uma).

Outro aspecto em que tínhamos particular interesse era verificar se e como os dois programas buscavam a interatividade com o público. Em nenhum dos dois, porém, a interatividade marcou presença forte. No *Jornal Nacional*, apenas duas reportagens tinham alguma forma de interação com o público: uma matéria sugeriu que os telespectadores acessassem mais informações na página do programa na Internet e outra convidou os membros do público a interagir com uma entrevistada num bate-papo também na página eletrônica do programa.

Já no *Fantástico*, sete matérias tinham alguma forma de interação com o público: duas matérias convidaram os telespectadores a acessarem a página do programa na Internet e a enviar depoimentos, vídeos, fotos etc.; quatro matérias apenas sugeriram acessar a página do programa na Internet e uma matéria pedia que fossem enviados depoimentos, vídeos fotos etc.

Uma minoria das matérias abordou controvérsias: 11,8% das reportagens do *Jornal Nacional* (quatro matérias) e 26,1% das reportagens do *Fantástico* (12 matérias). No *Jornal Nacional*, todas as matérias que incluíram alguma controvérsia incluíram uma controvérsia científica, sendo que duas delas incluíram também uma controvérsia que excede o âmbito científico. No *Fantástico* isso não aconteceu: quatro matérias incluíram controvérsias científicas e as oito restantes, controvérsias que excedem o âmbito científico.

O *Jornal Nacional* mencionou benefícios da ciência em 29,4% das matérias analisadas e promessas da pesquisa em 26,5%, enquanto o *Fantástico* mencionou benefícios em 26,1% das matérias e promessas em 23,9%. Danos e riscos da ciência foram ambos mencionados em 8,8% das matérias do *Jornal Nacional*. No *Fantástico*, os danos apareceram em 10,9% das reportagens e os riscos, em 19,6%.

Mais de dois terços das matérias (71,7 %) do *Fantástico* continham recomendações para o tema de saúde abordado, com destaque para cuidados preventivos. No *Jornal Nacional*, a porcentagem é de 29,4%.

Nos dois programas, a maior parte das reportagens sobre medicina e saúde incluiu informações de contextualização dos temas tratados – 70,6% das matérias do *Jornal Nacional* e 63,0% das matérias do *Fantástico*.

Tabela 1. Tipos de fontes utilizadas

Fontes	<i>Jornal Nacional</i>	<i>Fantástico</i>
<b>Cientistas, professores universitários, instituições</b>	27	<b>44</b>
<b>Especialistas ou profissionais especializados</b>	3	<b>15</b>
<b>Associações ou membros, sociedades científicas</b>	5	<b>6</b>
<b>Médicos</b>	8	<b>33</b>
<b>Representantes de hospitais</b>	0	<b>1</b>
<b>Membros do governo</b>	9	<b>10</b>
<b>Representantes políticos</b>	0	<b>1</b>
<b>Representantes da indústria, comércio, produtores</b>	3	<b>2</b>
<b>Representantes de organismos internacionais</b>	0	<b>1</b>
<b>Cidadãos, membros do público</b>	11	<b>43</b>
<b>Revistas e publicações científicas</b>	3	<b>2</b>
<b>Eventos científicos</b>	0	<b>1</b>
<b>Anônimas</b>	<b>1</b>	<b>3</b>

Legenda: Presença de diferentes tipos de fontes no Fantástico e no Jornal Nacional

(números absolutos).

Para fundamentar as matérias sobre temas de medicina e saúde, os dois programas utilizaram uma variedade de fontes (veja a tabela 1). De um modo geral, o *Fantástico* citou mais fontes em suas reportagens do que o *Jornal Nacional*.

Cientistas, cidadãos e médicos foram as fontes mais citadas pelo programa semanal (em 95,6%, 93,5% e 71,7% das matérias, respectivamente). No *Jornal Nacional*, não apareceram os seguintes grupos de fontes: representantes de organismos internacionais, representantes de hospitais, representantes políticos e eventos científicos. Apenas dois tipos de fontes apareceram mais vezes no *Jornal Nacional* do que no *Fantástico*: revistas e publicações científicas e representantes da indústria, comércio ou produtores. Outras fontes apareceram de forma mais tímida nos dois programas, por exemplo, advogados. Não foram citados em nenhum dos programas representantes de ONGs nem membros de grupos ou movimentos sociais ou sindicatos.

Das fontes citadas, nem todas aparecem diretamente na matéria – podem, por exemplo, estar apenas na fala de um repórter. Quando as fontes apareceram falando diretamente ao público, consideramo-las vozes.

As vozes incluídas nas matérias do *Jornal Nacional* foram cientistas e professores universitários (19 matérias, 55,9%), cidadãos (11 matérias, 32,3%), médicos (sete matérias, 20,6%), membros do governo (seis matérias, 17,6%), especialistas (três matérias, 8,8%), membros de associações ou sociedades científicas (duas matérias, 5,9%) e representantes da indústria, do comércio, ou produtores (duas matérias, 5,9%). Também apareceram um advogado, um ex-mágico e um voluntário de pesquisa.

Por sua vez, as vozes incluídas nas matérias do *Fantástico* foram cidadãos (43 matérias, 93,5%), cientistas e professores universitários (32 matérias, 69,6%), médicos (29 matérias, 63,0%), especialistas (13 matérias, 28,3%), membros do governo (7 matérias, 15,2%), membros de associações ou sociedades científicas (6 matérias, 13,0%), vozes anônimas (3 matérias, 6,5%), representantes da indústria, do comércio, ou produtores (1 matéria, 2,2%), representantes de hospitais (1 matéria, 2,2%), representantes políticos (1 matéria, 2,2%). Também apareceu um pajé.

#### 4. Discussão

Medicina e saúde tiveram presença relevante na agenda das matérias de ciência e tecnologia dos dois programas estudados, em consonância com as tendências apontadas por diversos estudos em vários países (Ramalho, Polino & Massarani, 2012; Bomlitz & Brezis, 2008; León, 2008; Verhoeven, 2008; Massarani & Buys, 2007; Bucchi & Mazzolini, 2003; Göpfert, 1996). Tais temas envolvem identificação com o cotidiano do público (León, 2008) e carga emocional – pois podem despertar

esperança em novos tratamentos –; além disso, têm particular relevância em um país como o Brasil, onde os sistemas de educação e saúde públicas são frágeis e os veículos de comunicação assumem o papel de informar os cidadãos sobre novas doenças, formas de prevenção e tratamento (Ramalho, Polino & Massarani, 2012).

*Jornal Nacional* e *Fantástico*, porém, cumprem essa missão de maneira diferente. Por exemplo, as matérias do *Jornal Nacional* duraram, em média, menos tempo que as do *Fantástico*. Acreditamos que esta diferença se dê por causa do formato de cada programa: enquanto o *Jornal Nacional* é um telejornal diário cujo objetivo principal é informar os espectadores acerca das principais notícias do dia com matérias curtas e objetivas, o *Fantástico* tem o formato de revista eletrônica e visa, além de informar, entreter a audiência, valendo-se, por vezes, de reportagens mais longas e completas.

Os dois programas também apresentaram diferenças importantes quanto aos enquadramentos utilizados nas reportagens. As matérias com *frame* “nova pesquisa” predominaram no *Jornal Nacional*, em consonância com o enquadramento predominante dado aos temas de ciência e tecnologia em geral (Ramalho, Polino & Massarani, 2012), o que reforça o caráter noticioso do programa. Já no *Fantástico*, o *frame* “nova pesquisa” empatou com o enquadramento “personalização”, que reforça a identificação com o público do programa e é típica dos veículos televisivos, que valorizam personagens, anedotas e histórias (Barello, 2005). A tendência de os veículos de comunicação apresentarem histórias de pacientes e suas famílias para promover a identificação com seus públicos também já havia sido identificada por vários autores (Verhoeven, 2008; Kitzinger, 1999; Brants, 1998) e destacada por Nisbet, Brossard e Kroepsch (2003), para quem contar histórias é ainda um recurso importante para estruturar informações e explicar eventos complexos.

Já os temas específicos abordados pelos programas foram semelhantes e excluem, como já apontavam Balasegaram e colaboradores (2008), as doenças negligenciadas – como doença de Chagas, leishmaniose, malária, hanseníase e tuberculose –, ainda que estas tenham sido tema cada vez mais relevante no cenário científico nacional (Adams, Gurney & Pendlebury, 2012). Observamos uma presença reduzida da gripe A/H1N1 no *corpus* analisado, o que contrasta com o fato do período observado incluir o surgimento e pandemia da doença. No entanto, observamos que isso ocorreu pelo fato dos programas em questão abordarem esse tema de modo a privilegiar outros aspectos que não o científico – Medeiros e Massarani (2011) apontam, por exemplo, que o *Fantástico* cobriu a enfermidade com outros enfoques. Pouco menos de um terço das notícias do *Jornal Nacional* apresentaram recomendações ao público. Porém, as recomendações apareceram na maioria das matérias do *Fantástico*, em consonância com o resultado obtido por Soares e Caponi (2011) em análise de veículos de comunicação brasileiros na internet. Os dois programas também incluíram na maior parte das matérias analisadas informações contextuais – resultado semelhante foi encontrado por León (2008) após análise do horário nobre da televisão europeia.

Como identificado por Verhoeven (2008) na televisão alemã, os programas analisados neste trabalho também apresentam uma diversidade de vozes e fontes em suas matérias sobre medicina e saúde.

A forte presença de cientistas, especialistas e médicos está em consonância com a análise de Barata (2006) sobre a cobertura de Aids pelo *Fantástico*, o que reitera a apresentação da imagem da ciência como autoridade soberana em temas de saúde. O mesmo não ocorre, porém, na cobertura do programa sobre a gripe A/H1N1, que deu pouca voz aos cientistas (Medeiros & Massarani, 2011).

A presença de médicos nas matérias, em particular no *Fantástico*, parece estar relacionada também com a percepção que o público tem de tais profissionais. Uma pesquisa sobre percepção pública da ciência, da tecnologia e da biotecnologia realizada na cidade de Mérida, na Venezuela (Ferrer & León, 2008), apontou que os atores descritos como mais confiáveis pela população para se obter informações sobre ciência e tecnologia são os médicos, resultado também encontrado entre os brasileiros (Ministério da Ciência e Tecnologia & Museu da Vida, 2010).

Por outro lado, a percepção do público não parece coincidir com nossos resultados no que se refere à apresentação dos riscos envolvidos nas pesquisas científicas – presente em um número pequeno de reportagens dos dois programas. Na pesquisa sobre percepção pública da ciência e tecnologia no Brasil (Ministério da Ciência e Tecnologia & Museu da Vida, 2010), uma parcela significativa dos respondentes afirmou que está satisfeita com a cobertura de ciência e tecnologia pelas emissoras televisivas e, destes, 75% disseram que a cobertura é isenta e equilibrada e 73,6% responderam que são discutidos os riscos e problemas que a aplicação da ciência e tecnologia pode causar.

As controvérsias da ciência também estão representadas de forma reduzida em nosso *corpus*, assim como apontam resultados de pesquisas anteriores (Ramalho, Polino & Massarani, 2012; Almeida *et al*, 2011; Massarani, 2010), embora outros autores destaquem o importante papel dos veículos de comunicação no debate acerca das controvérsias científicas (Nisbet, Brossard & Kroepsch, 2003; Jurberg *et al*, 2009; Reis, 2008).

Enfim, nosso estudo mostrou que dois programas de ampla audiência como *Fantástico* e *Jornal Nacional* deram atenção à pesquisa em saúde e medicina com regularidade, contextualizando os temas apresentados e utilizando estratégias para atrair a atenção do público espectador. Por outro lado, a cobertura poderia favorecer uma visão mais crítica e um debate mais amplo da ciência, inclusive acerca das prioridades de pesquisa assumidas hoje em nosso país.

## 5. Referências

Adams, J., Gurney, K. & Pendlebury, D. (2012). Thomson Reuters Global Research Report - Neglected Tropical Diseases. Leeds, UK: Evidence. Recuperado em 30 de outubro de

2012, de <http://sciencewatch.com/sites/sw/files/sw-article/media/globalresearchreport-ntd.pdf>.

- Almeida, C., Ramalho, M., Buys, B. & Massarani, L. (2011). La cobertura de la ciencia en América Latina: estudio de periódicos de elite en nueve países de la región. Em Moreno, C. (Org.). Periodismo y divulgación científica. Tendencias en el ámbito iberoamericano (pp. 75-97). Madrid, España: OEI e Biblioteca Nueva.
- Balasegaram, M. (2008). Neglected Diseases in the News: A Content Analysis of Recent International Media Coverage Focussing on Leishmaniasis and Trypanosomiasis. PLoS Neglected Tropical Diseases, 2 (5), 1-5.
- Barata, G. (2006). O Fantástico apresenta a Aids ao público (1983-1992). Em: Nascimento, D., Carvalho, D. & Marques, R. (Orgs.). Uma História Brasileira das Doenças (pp. 116- 146). Rio de Janeiro, Brasil: Editora Mauad.
- Barello, J. (2005, febrero-marzo). Noticias Sobre Medicamentos y Salud: ¿El Fin Justifica a los Medios?. Razón y Palabra, 43. Recuperado em 3 de janeiro de 2013, de <http://www.razonypalabra.org.mx/rypant/anteriores/n43/jbarello.html>.
- Barello, J., Adad, A., Bruno, C., Del Pozo, E., Drutman, J. & Germain, B. (2003 noviembre). Opinión del público sobre noticias de salud en los medios: estudio piloto en 440 casos. Trabajo presentado al III Congreso Internacional de Periodismo Médico y Temas de Salud, Buenos Aires, Argentina.
- Bomlitz, L.J. & Brezis, M. (2008). Misrepresentation of health risks by mass media. Journal of Public Health, 30 (2), 202-204.
- Brants, K. (1998). Who is afraid of infotainment? European Journal of Communication, 13 (3), 315-335.
- Ministério da Ciência e Tecnologia & Museu da Vida. (2010). Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil. Recuperado em 28 de janeiro de 2011, de <http://www.museudavida.fiocruz.br/media/enquete2010.pdf>.
- Bubela, T., Nisbet, M.C., Borchelt, R., Brunger, F., Critchley, C., Einsiedel, E., Geller, G., Gupta, A., Hampel, J., Hyde-Lay, R., Jandciu, E.W., Jones, S.A., Kolopack, P., Lane, S., Loughheed, T., Nerlich, B., Ogbogu, U., O'Riordan, K., Ouellette, C., Spear, M., Strauss, S., Thavaratnam, T., Willemse, L. & Caulfield, T. (2009). Science communication reconsidered. Nature Biotechnology, 27 (6), 514-518.
- Bucchi, M. & Mazzolini, R.G. (2003). Big science, little news: science coverage in the Italian daily press, 1946–1997. Public Understanding of Science, 12 (1), 7-24.
- Entman, R. M. (1993). Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. Journal of Communication, 43, 51-58.
- Ferrer, A. & León, G. (2008, noviembre – diciembre). Cultura científica y comunicación de la ciencia. Razón y Palabra, 65. Recuperado em 3 de janeiro de 2013, de [http://www.razonypalabra.org.mx/rypant/N/n65/actual/aferrer\\_gleon.html](http://www.razonypalabra.org.mx/rypant/N/n65/actual/aferrer_gleon.html).
- Gamson, W., Modigliani, A. (1989). Media discourse and public opinion on nuclear power: A constructionist approach. American Journal of Sociology, 95 (1), 1-7.

- Gans, H. (1979). *Deciding what's news*. New York, US: Pantheon.
- Göpfert, W. (1996). Scheduled science: TV coverage of science, technology, medicine and social science and programming policies in Britain and Germany. *Public Understanding of Science*, 5 (4), 361-374.
- Hijmans, E., Pleijter, A. & Wester, F. (2003). Covering scientific research in Dutch newspapers. *Science Communication*, 25, 153-176.
- Jurberg, C., Verjovsky, M., Machado, G.O.C. & Affonso-Mitidieri, O.R. (2009). Embryonic stem cell: A climax in the reign of the Brazilian media. *Public Understand of Science*, 18 (6), 719-729.
- Kitzinger, J. (1999). Researching risk and the media. *Health, Risk & Society*, 1 (1), 55-69.
- Krippendorff, K. (1990) *Metodología de análisis de contenido. Teoría y Práctica*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Kucinski, B. (2000). Jornalismo, saúde e cidadania. *Interface (Botucatu)*, 4 (6), 181-186.
- Iaboli, L., Caselli, L., Filice, A., Russi, G. & Belletti, E. (2010). The Unbearable Lightness of Health Science Reporting: A Week Examining Italian Print Media. *PLoS ONE*, 5 (3), 1-6.
- Lai, W.Y.Y. & Lane, T. (2009). Characteristics of Medical Research News Reported on Front Pages of Newspapers. *PLoS ONE*, 4 (7), 1-7.
- León, B. (2008). Science related information in European television: a study of prime-time news. *Public Understanding of Science*, 17 (4), 443-460.
- Massarani, L. (2010). A ciência em jornais de nove países. Em: Costa, M. (Org.). *Ciência e imprensa: convergências possíveis* (pp. 77-93). Natal, Rio Grande do Norte, Brasil: Fundação Vingt-un Rosado.
- Massarani, L. & Buys, B. (2007). La ciencia en la prensa de América Latina: un estudio en 9 países. Trabajo presentado a la X Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe, San José, Costa Rica. Recuperado em 3 de setembro de 2012, de <http://www.cientec.or.cr/pop/2007/BR-LuisaMassarani.pdf>.
- Massarani, L., Dal Col, F., Buys, B. & Almeida, C. (2008, noviembre – diciembre). A cobertura de ciência por jornais diários: em pauta a pesquisa nacional na Argentina, no Brasil e no México. *Razón y Palabra*, 65. Recuperado em 3 de janeiro de 2013, de <http://www.razonypalabra.org.mx/rypant/N/n65/actual/lmassarani.html>.
- Medeiros, F.N.S. & Massarani, L. (2011). A cobertura da gripe A(H1N1) 2009 pelo Fantástico. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 34 (1), 41-59.
- Memória Globo. (s/d). Fantástico. Em: Globo.com. Rio de Janeiro: Rede Globo. Recuperado em 19 de outubro de 2012, de <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-247251,00.html>.
- Nisbet, M.C., Brossard, D. & Kroepsch, A. (2003). Framing Science – The Stem Cell Controversy in an Age of Press/Politics. *Press/Politics*, 8 (2), 36-70.
- Nisbet, M.C. & Lewenstein, B.V. (2002). *Biotechnology and the American Media – The Policy Process and the Elite Press, 1970 to 1999*. *Science Communication*, 23 (4), 359-391.



- Oliveira, M.S., Paiva, L.H.C., Costa, J.V. & Pinto-Neto, A.M. (2009). Saúde da mulher na imprensa brasileira: análise da qualidade científica nas revistas semanais. *Interface (Botucatu)*, 13 (30), 7-16.
- Padiglione, C. (2011, dezembro, 30). Globo e Record caem, SBT sobe no Ibope 2011, tudo em migalhas. O Estado de São Paulo. São Paulo. Recuperado em 30 de agosto de 2012, de <http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,globo-e-record-caem-sbt-sobe-no-ibope-2011-tudo-em-migalhas,816784,0.htm>.
- Ramalho, M., Polino, C. & Massarani, L. (2012). Do laboratório para o horário nobre: a cobertura de ciência no principal telejornal brasileiro. *Journal of Science Communication*, 11 (2), 1-10.
- Rede Globo (2011). Audiência / Perfil, Direção Geral de Comercialização. Recuperado em 21 de junho de 2011, de <http://comercial2.redeglobo.com.br/programacao/Pages/jornal-nacional.aspx#>.
- Reis, R. (2008). How Brazilian and North American Newspapers Frame the Stem Cell Research Debate. *Science Communication*, 29 (3), 316–334.
- Rondelli, D.R.R. (2004). A ciência no picadeiro: Uma análise das reportagens sobre ciência no programa Fantástico. Dissertação de mestrado não publicada, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Rubbo, D. (2007). A ciência no programa Fantástico: uma análise de discurso. Trabalho apresentado ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, São Paulo, Brasil. Recuperado em 3 de setembro de 2012 de <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1814-1.pdf>.
- Siqueira, D. (1999). A ciência na televisão – mito, ritual e espetáculo. São Paulo, Brasil: Annablume.
- Soares, G.B. & Caponi, S. (2011). Depressão em pauta: um estudo sobre o discurso da mídia no processo de medicalização da vida. *Interface (Botucatu)*, 15 (37), 437-446. Stempel, G.H. & Westley, B.H. (Eds.). (1989). *Research Methods in Mass Communication*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Verhoeven, P. (2008). Where has the doctor gone? The mediatization of medicine on Dutch television, 1961–2000. *Public Understanding of Science*, 17 (4), 461-472.
- Wilson, A., Bonevski, B., Jones, A. & Henry, D. (2009). Media Reporting of Health Interventions: Signs of Improvement, but Major Problems Persist. *PLoS ONE*, 4 (3), 1-5.

### Notas

<sup>1</sup> **Catarina Chagas, Museu da Vida, Brasil** Jornalista formada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde / Instituto Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz. Atuou em diversas instituições como jornalista e como pesquisadora em jornalismo científico, incluindo o Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz ([www.museudavida.fiocruz.br](http://www.museudavida.fiocruz.br)), onde esta pesquisa foi realizada. Atualmente, trabalha no Instituto Ciência Hoje, afiliado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. E-mail: [catarinachagas@gmail.com](mailto:catarinachagas@gmail.com)

**Luisa Massarani, Museu da Vida, Brasil** Jornalista científica, com doutorado em Educação, Gestão e Difusão em Biociências, pelo Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro

e mestrado em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Bolsa Produtividade CNPq 1D. Trabalha no Núcleo de Estudos da Divulgação Científica – no qual conduz atividades práticas e acadêmicas – do Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, do qual é atualmente diretora. É coordenadora para América Latina de SciDev.Net ([www.scidev.net](http://www.scidev.net)) e Honorary Research Associate do Department of Science and Technology Studies / University College London. E-mail: [lumassa@fiocruz.br](mailto:lumassa@fiocruz.br) e [luisa.massarani3@gmail.com](mailto:luisa.massarani3@gmail.com)

**Marina Ramalho, Museu da Vida, Brasil** Formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é especializada em jornalismo científico e cursa doutorado no programa de Educação, Gestão e Difusão em Biociências, do Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ. Tem mestrado em Jornalismo de Agência pela Universidade Rey Juan Carlos (Espanha) e trabalha, atualmente, no Núcleo de Estudos da Divulgação Científica do Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz, realizando atividades práticas e de pesquisa. E-mail: [marina.ramalho@gmail.com](mailto:marina.ramalho@gmail.com)

**Gabriela Reznik, Museu da Vida, Brasil** Bióloga formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, na modalidade Ecologia. Trabalha no Núcleo de Estudos da Divulgação Científica do Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz, realizando atividades práticas e de pesquisa. E-mail: [gabriela\\_reznik@hotmail.com](mailto:gabriela_reznik@hotmail.com)

<sup>2</sup> A Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico foi formada em 2009 a partir de uma convocatória do Programa Iberoamericano de Ciencia y Tecnología para el Desarrollo (Cyted). Coordenada pelo Núcleo de Estudos da Divulgação Científica (Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz), a rede é composta por instituições de dez países da região: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Cuba, Equador, Espanha, México, Portugal e Venezuela. Os autores deste estudo integram a rede.

Mais informações em [www.museudavida.fiocruz.br/redejc](http://www.museudavida.fiocruz.br/redejc).

<sup>3</sup> Uma edição foi excluída por problemas técnicos na gravação do material.

<sup>4</sup> Observação: cada matéria pôde incluir mais de uma locação de cientista. Se uma matéria mostrou dois cientistas em momentos distintos, em um laboratório, consideramos que a locação “laboratório” apareceu duas vezes. Por outro lado, se a matéria mostrou um grupo de vários cientistas trabalhando conjuntamente em um laboratório, a locação “laboratório” foi marcada uma vez.